

INTRODUÇÃO

Foucault e a história da anarquia no presente

O filósofo Michel Foucault, em curso proferido em 1979-1980, *O governo dos vivos*, comentou possuir uma certa relação com a anarquia e com o anarquismo. Sua demolidora analítica do poder e suas proposições sobre a estética da existência como um “trabalho paciente que dá forma à impaciência da liberdade” interessam aos anarquistas. Informado dessa via de mão dupla, o leitor mais apressado poderia dizer que a relação entre Foucault e a anarquia é “evidente” e até mesmo “natural”. Mas não é assim que essa relação se dá.

A relação entre Foucault e a anarquia existe em tensão, se dá no agonismo das forças. Se apresenta, assim, como um campo de batalha, mas não dado ao extermínio do outro. Ela produz diferenças, onde se quer similitudes. Este dossiê propõe um diagnóstico dessa relação e de suas diferenças a partir da exposição de uma história do presente. Para isso, convidou pesquisadores de diversas áreas que lidam nessa peleja há mais de três décadas e os que se lançaram nessa batalha mais recentemente para produzirem artigos inéditos acerca dessa relação.

Um inicial registro dessa relação pode ser encontrado no volume 5 da revista *MargeM* da Faculdade de Ciências da PUC-SP, de 1996, na qual aparece um conjunto de textos assinados por Edson Passetti, Wilhelm Schmid, Salvo Vaccaro e Todd May que se dedicam, de perspectivas bastante diversas, às intersecções entre o pensamento anarquista e a obra do filósofo francês. Mas, ao menos no Brasil, essas relações já apareciam nos trabalhos da historiadora Margareth Rago (Unicamp), nas pesquisas em educação de Silvio Gallo (Unicamp) e, um pouco mais adiante, nas análises de Salete Oliveira (PUC-SP). Desde então, desdobramentos dessa relação aparecem em trabalhos de mestrado e doutorado orientados por esses iniciais instauradores. Um registro mais contínuo, de quase duas décadas, pode ser encontrado nos 35 números da *verve* – revista autogestionária do nu-sol. Em 2015, a pesquisadora da obra do Foucault no Brasil e professora da UERJ, Heliana de Barros Conde Rodrigues, fez uma primeira sistematização dessa população em *verve* no artigo “anarqueologizando Foucault”, in *verve*, 28: 2015, 91-123.

Ao retomar essas relações nesse dossiê da revista *História: Questões & Debates* não se buscam continuidades, tampouco rupturas, mas marcar um registro dessa história no presente. Outras escritas para que se possa passar, para que se possa avançar, para que se possa fazer caírem os muros. São artigos de pesquisadores e militantes da anarquia que, cada a um à sua maneira, não se furtam ao campo de tensão entre a obra de Foucault e a vida anarquista.

Abre esse dossiê o ensaio de Edson Passetti, professor na PUC-SP e coordenador do nu-sol (núcleo de sociabilidade libertária), “A presença de Michel Foucault nos anarquismos”, que situa, a partir da genealogia do poder e de uma instigante leitura da obra do artista chinês Ai Weiwei, os riscos dos anarquismos serem tragados pelo ativismo da atual democracia neoliberal que convoca todos a participar e busca empoderar os vulneráveis e afirma a diferença da anarquia como militância, que desvia da dissidência e da convocação à participação.

Em seguida, Camila Jourdan, professora de filosofia da UERJ, no artigo “Foucault e a ruptura com a representação”, sustenta que a aproximação possível entre os anarquistas está na recusa da lógica da representação. Ao retomar a dialética serial proposta por Proudhon, afirma uma ontologia do múltiplo que se dispensa da dialética sintetista hegeliana, do conceito marxista de ideologia e do materialismo com a verdade de real. Afirma a tensão, o corpo e a imanência da ação como pontos de interseção do pensamento de Michel Foucault com os anarquistas, afastando os dois do liberalismo e do socialismo de Estado, que são, por sua vez, colocados à lógica dualista e unidirecional da representação.

O somaterapeuta e psicólogo João da Mata apresenta, em seu ensaio “Anarquismos e Foucault”, a anarquia como uma prática ético-política que encontra nas formulações de Michel Foucault elementos que sacodem-nos da anarquia contemporânea reminiscências iluministas e identitárias para a produção de um *ethos* ingovernável, fazendo do corpo um campo de batalha contra a autoridade e as hierarquias. O autor ainda indica na obra de Michel Onfray uma via de atualização possível da relação entre anarquismos e crítica da modernidade e com isso, sugere uma prática anarquista cotidiana que começa no corpo.

Thiago Rodrigues, internacionalista e professor na UFF, sugere um percurso sobre a noção de agonismo na obra de Foucault que teria,

genealogicamente, como ponto de inflexão o curso de 1974, *O poder psiquiátrico*. Além de afirmar o agonismo como condição da vida em liberdade, a conexão com a anarquia se dá pela recusa do Estado como fonte de poder e as conexões, traçadas no artigo, entre a genealogia foucaultiana de inteligibilidade guerreira e a obra do instaurador da anarquia, Pierre-Joseph Proudhon, *A guerra e a paz*. Em resposta aos universais do poder, sugere que é preciso revirar-se agonicamente.

A historiadora Maria Clara Pivato Biajoli, no artigo “Lendo a experiência e a memória das Mujeres Libres em um diálogo com Foucault”, revira as memórias das lutadoras *Mujeres Libres* de uma perspectiva da genealogia da história. A autora destaca, na obra de Michel Foucault, as noções de cuidado de si, estéticas da existência e biopolítica para pensar a atuação do grupo para a libertação feminina. Sem apologias ou panegíricos, realiza a retomada de uma história *menor* em meios a batalhas libertárias da Revolução Espanhola (1936-1939). Acusa ainda a própria transformação como historiadora ao lidar, libertariamente, com o referencial foucaultiano e mulheres anarquistas.

E o silêncio.

O músico, compositor e politólogo Gustavo Simões, no ensaio “john cage e a vida como arte de escrever anarquista”, apresenta a escrita musical de John Cage e as vidas libertárias como formas de escrita de si como ação direta. Uma escrita que se afasta da historiografia como erudição inútil e se afirma como história-efetiva que, à maneira dos cínicos, se faz como escândalo. Essa forma de escrita anarquista, catada em Cage e nos anarquistas, recusa o conteúdo doutrinário “para sobressair demolições-invenções em cada acontecimento da existência contra a história factual e a dialética, tão apreciadas pela História”.

O conjunto de seis artigos desse dossiê compõe um registro heterogêneo e heterodoxo fincados no presente das lutas. Não sugerem, mesmo que reunidos em proximidade, nenhuma lógica de afinidade, tampouco reclamam filiação. Nada reclamam entre os verdadeiros intérpretes dos ditos e escritos de Michel Foucault, tampouco engrossam as fileiras dos que entendem o anarquismo como doutrina ou ideologia política. São textos de práticas de liberdade, já que liberdade não é uma ideia ou um valor tanto para os anarquistas quanto na analítica do poder proposta por Foucault. A Anarquia aqui registrada é uma história do presente que das atuais reformas, conservações, inovações e restaurações se afirma pela revolta como atitude

antipolítica que sabe bem que a política é tecnologia de governo moderna de si e dos outros.

O volume ainda conta com uma seção aberta bastante diversificada em seus temas, e contempla quatro artigos, uma tradução e uma resenha. No primeiro artigo, “Flávio Suplicy de Lacerda: aliado das forças armadas e combatente contra comunistas e estudantes”, os autores Nívio de Campos e Eliezer Feliz de Souza discutem a relação de Flávio Suplicy de Lacerda com as representações e as práticas sociais das forças armadas brasileira, no governo civil-militar de 1964 a 1985. No segundo, “Jean Giono e a reinvenção da *Odisseia* na literatura francesa do pós-guerra”, a autora Lorena Lopes da Costa analisa a relação entre guerra, experiência e ficção, a partir de *Naissance de l’Odyssée*, uma releitura francesa da *Odisseia*. No terceiro, “Nos tempos da mudança. Aberturas possíveis, acordos revistados e concepções sobre consumo (1808-1821)”, a autora Rosângela Ferreira Leite trata das relações diplomáticas entre Portugal e Grã-Bretanha, no período já referido no título. No quarto e último artigo, “As mulheres dos governadores das colônias portuguesas na segunda metade do século XVIII e início do XIX”, o autor Magnus Roberto de Mello Pereira, investiga o papel exercido por tais mulheres nas colônias portuguesas, apontando uma mudança de mentalidade em relação à família, nas últimas décadas do século XVIII.

Temos, ainda, a tradução do artigo do classicista Ray Laurence, intitulado “Saúde e curso da vida em Herculano e Pompeia”, de autoria de Martha Helena Loeblein Becker Morales e Alexandre Cozer. Para finalizar a publicação, contamos com a resenha “Histórias que seguem atuais: sobre infâncias e juventudes”, de Chirley Beatriz de Silva Vieira e Otoniel Rodrigues Silva, ao livro *Infâncias e juventudes no século XX: histórias latino-americanas*, que foi organizado por Sílvia Arend, Esmeralda de Moura e Susana Sosenski, e publicado em 2018.

Que seja uma boa, mas desestabilizadora leitura.
Saúde e anarquia!

Acácio Augusto*

* Depto. de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios – UNIFESP.